

RIO DE JANEIRO, RJ, 24 DE MAIO DE 2000

É para mim uma tarefa muito grata abrir, aqui no Rio de Janeiro, a XII Assembléia-Geral da Associação dos Comitês Olímpicos Nacionais.

Sei que este é um dos maiores eventos da comunidade olímpica internacional. Quero, por isso, dar as boas-vindas aos representantes dos 200 comitês nacionais aqui reunidos e estender-lhes votos de pleno êxito em suas deliberações.

Sei, também, que paralelamente a este encontro da Associação realiza-se uma reunião do Comitê Olímpico Internacional, presidido por Juan António Samaranch. Devo dizer que é para nós uma satisfação igual poder abrigar este que é o foro máximo do Movimento Olímpico.

Considero auspicioso que tanto esta Assembléia-Geral da Associação quanto a reunião do COI tenham lugar no Brasil no momento em que comemoramos os 500 anos do descobrimento.

A passagem do quinto centenário é uma forma de valorizarmos a herança de nossa formação como povo e como Nação, e nada mais significativo para realçar essa consciência entre nós do que associarmos a data a algo que, efetivamente, faz parte da nossa identidade – o esporte.

Sem dúvida, o esporte está incorporado à alma brasileira. Tem muito a ver com a nossa auto-estima, com o sentimento de orgulho nacional, e é claro que isso não é exclusividade do Brasil. Mas é inegável que, em modalidades importantes, o esporte brasileiro tem produzido muitos ídolos e heróis do povo.

É normal que seja assim. O esporte, com sua dimensão simbólica, projeta a imagem de competição, mas competição em um jogo limpo, com regras claras, com igualdade de oportunidades, com *fair play*. Ser capaz de vencer nessas condições significa ter um mérito efetivo. Por isso o esporte é um aprendizado tão necessário.

E é precisamente por essa significação social, humana, do esporte, que fiz questão de atender ao convite para abrir estas reuniões aqui no Rio de Janeiro.

O Brasil participa dos Jogos Olímpicos desde 1920. Naquela época, só o entusiasmo e a força de vontade pessoal de um atleta poderiam levá-lo a uma competição do porte das Olimpíadas, que na era moderna, sob inspiração do francês Pierre de Coubertin, já se vinham realizando desde o final do século XIX. E foi, assim, que, naquele ano, um grupo de 29 jovens brasileiros cruzou o Atlântico para representar o País nos Jogos de Antuérpia, na Bélgica.

Desde então, o Brasil sempre esteve presente nos Jogos Olímpicos, a exceção de 1928, e nosso desempenho foi se aprimorando mais e mais.

De Antuérpia a Atlanta, em 1996, obtivemos ao todo 54 medalhas. Não é muito, comparado com as grandes potências esportivas, e é pouco se pensarmos no nosso potencial. Mas já tivemos momentos inesquecíveis nas Olimpíadas – no atletismo, no iatismo, no vôlei, na natação, no judô e em outros esportes. Ainda não ganhamos o ouro no futebol, mas, confio, em Sidney chegaremos lá, o que complementaria as grandes alegrias que esse esporte, que é nossa paixão nacional, já nos proporcionou em outras competições, como a Copa do Mundo. E tenho certeza de que, nas demais modalidades olímpicas, o Brasil alcançará novos e merecidos louros.

Ao recordar esses feitos e essas expectativas, gostaria de dizer que minha presença aqui, como Chefe de Estado do país-anfitrião desta

Assembléia-Geral, evidencia o interesse e a relevância do esporte para a sociedade brasileira. Demonstra o compromisso do país com as causas e o desenvolvimento do esporte e do Movimento Olímpico.

Um país como o Brasil deve cada vez mais colocar o esporte no centro da agenda da sociedade.

Para isso, como se depreende da criação, em meu Governo, de um Ministério próprio para ocupar-se do esporte, o Estado retoma seu papel de fomento às práticas esportivas, contribuindo para a construção da cidadania, a inserção social, a melhoria da qualidade de vida da população e da imagem do país.

Posso dizer, com satisfação, que o Brasil tem tomado iniciativas encorajadoras nessa área. Uma delas é o Plano Nacional de Desenvolvimento do Esporte, que trata de balizar a gestão do esporte nacional, incorporando políticas e diretrizes modernas que abrangem a participação de todos os segmentos da sociedade.

Outro programa a destacar é o Esporte Solidário, cujo objetivo é diminuir, através da intensificação da prática esportiva, a situação de exclusão e risco social de jovens e adolescentes carentes, na faixa etária de dez a 24 anos. Mais de 150 mil crianças e adolescentes foram atendidos no âmbito desse programa, envolvendo cerca de 560 municípios e 750 núcleos de funcionamento em comunidades de baixa renda.

Menciono ainda o programa Esporte – Direito de Todos, que tem por finalidade contribuir para a inserção social – além de jovens e idosos – de portadores de deficiência.

Quero ressaltar aqui, especialmente, esse aspecto: o desenvolvimento do esporte praticado no Brasil por pessoas portadoras de deficiência física acrescenta uma dimensão social importante como instrumento de reabilitação e de inclusão social e vem atingindo progressos notáveis. Só em 1999, foram atendidos aproximadamente mil atletas em 13 modalidades esportivas em diversos campeonatos de âmbito nacional, pan-americano e mundial.

Estamos, portanto, procurando fortalecer o esporte no Brasil, como uma atividade fundamentalmente benéfica para a população, para a sociedade e para o País como um todo.

O esporte é um instrumento fundamental para cultivar a auto-estima e o sentimento de dignidade do indivíduo, que são as melhores garantias contra a ameaça das drogas, contra o envolvimento dos jovens no crime e na ilegalidade. Uma juventude sadia e capacitada não se aventura em algo que a destrua.

No ano passado, recebi no Palácio da Alvorada os atletas brasileiros que participaram dos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, no Canadá. Pela primeira vez em 48 anos de história dos Jogos Pan-Americanos, o Brasil atingiu a casa de três dígitos no quadro de medalhas. Foram 101 medalhas (25 de ouro, 32 de prata e 44 de bronze), a melhor participação brasileira, nos Jogos Americanos, em todos os tempos.

Pois bem, alguns dos nossos atletas que brilharam nos campos, nas pistas e nas quadras de Winnipeg vieram de comunidades carentes. Treinaram e se prepararam bravamente para os Jogos, com o apoio de organizações públicas e privadas que se conscientizaram da importância do incentivo ao esporte como fator de inclusão e reabilitação social.

Considero esse fato muito importante, e não é por outro motivo que devemos persistir nessa que é uma verdadeira cruzada pelo engrandecimento do esporte brasileiro, que é, também, pelo engrandecimento do país.

Nas últimas Olimpíadas, em Atlanta, o Brasil inscreveu 225 atletas, entre os quais 66 mulheres, para competir em 19 modalidades. Realizamos a melhor atuação em nossa história olímpica, conquistando 15 medalhas, das quais três de ouro, três de prata e nove de bronze.

Dos Jogos Olímpicos de Sidney, este ano, o Brasil participará com uma representação igualmente expressiva. Até agora, já temos quase 200 atletas inscritos, em 24 modalidades esportivas.

Tenho certeza de que se sairão muito bem e que se sentirão recompensados em todo seu esforço e dedicação. E como em vitórias anteriores, o País se orgulhará deles.

Nós brasileiros, no fundo, não precisamos de maior estímulo para gostar de esporte. Mas hoje, e cada vez mais, estamos conscientes da

importância do papel do esporte como política pública, em cuja execução o Estado e a sociedade devem atuar juntos.

Faço votos para que este encontro possa fortalecer ainda mais essa consciência e que possa, igualmente, manter vivo o espírito olímpico, como fator de paz, união e concórdia entre as nações.

Termino com uma referência ao Rio de Janeiro, que, com mais este encontro, confirma sua tradição de sede de importantes eventos de repercussão mundial, como aconteceu com a Rio-92 e a Cimeira América Latina-União Européia.

O Rio se candidatou oficialmente a sediar os Jogos Pan-Americanos de 2007 e, do mesmo modo, deverá apresentar sua postulação à sede dos Jogos Olímpicos de 2012.

Aproveito esta oportunidade para ressaltar, desde já, que o Governo brasileiro tudo fará para que essas candidaturas sejam vitoriosas.

Com o melhor espírito esportivo, o Rio soube perder a eleição que definiu a sede das Olimpíadas de 2004, que ocorrerão em Atenas.

Mas não tenho dúvidas, 2012 será a nossa vez.

Que o Rio de Janeiro se transforme na capital olímpica do Brasil e da América Latina.

Muito obrigado.

